



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Modelo de leitura documentária para indexação de textos narrativos de ficção

Deise Maria Antonio Sabbag

Como citar: SABBAG, D. M. A. Modelo de leitura documentária para indexação de textos narrativos de ficção. *In:* FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. (org.). **Modelos de leitura Documentária para Indexação:** abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 295-322.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-07-1.p295-322>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

MODELO DE LEITURA DOCUMENTÁRIA PARA INDEXAÇÃO DE TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO

Deise Maria Antonio SABBAG

RESUMO: O modelo de leitura documentária para indexação de textos narrativos de ficção tem como objetivo a análise de obras de ficção, ou seja, a identificação da tipologia textual, a leitura técnica do documento e a identificação de conceitos. Propõem como aportes teóricos o Percurso Gerativo de Sentido e as categorias para obras ficcionais desenvolvidas por Begthol (1994). Apresenta um modelo de leitura documentária que para as obras de ficção denominado Mentif.

PALAVRAS-CHAVE: MENTIF. Indexação de Obras de ficção. Texto Narrativo de Ficção. Modelo de Leitura.

ABSTRACT: The documentary reading model for indexing fictional narrative texts aims to analyze works of fiction, the identification of the textual typology, the technical reading of the document and the identification of concepts. Uses theoretical contributions the Generative Sense Course and the categories for fictional works developed by Begthol (1994). It presents a documentary reading model that for works of fiction called Mentif.

KEYWORDS: MENTIF. Indexing of Works of fiction. Narrative Fiction Text. Reading Model.

<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-07-1.p295-322>

“a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”

Antonio Candido

1 INTRODUÇÃO

A criação do modelo de leitura documentária para indexação de textos narrativos de ficção (MENTIF) teve a seu entendimento integralizado após a leitura do ensaio “O direito à literatura” do professor Antonio Candido (1995). Digo entendimento integralizado pois como um modelo a princípio tinha como intento o estudo de um conjunto de ideias que possibilitasse a construção teórica e metodológica para um paradigma de análise dos textos narrativos de ficção. Como modelo ele nasceu inacabado, inconclusivo e parcial sendo obra aberta para ser aprimorado, negado, utilizado, modificado, discutido e analisado. A leitura do ensaio se deu após a conclusão do Mentif, mas sua interpretação decodificou o desejo que permeava todo o processo de elaboração do dispositivo.

O ensaio apresenta a literatura, a ficção, bem como outras formas artísticas, como um bem de necessidade básica humana, uma necessidade universal que deveria ser estabelecida como direito. Necessidade universal que “deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (CANDIDO, 1995, p. 186), ela também é um instrumento de desmascaramento, de denúncia, de libertação.

Se entendermos que os textos narrativos de ficção são bens imensuráveis e um direito universal sua análise, síntese e recuperação se tornam imprescindíveis para sua disponibilização e acesso.

Muitos procedimentos utilizados para identificação do conteúdo temático dos documentos demonstram eficácia devido à própria tipologia dos materiais. Esses materiais oferecem uma estrutura textual, e física, que corrobora para a aplicabilidade de análises metodológicas, compostas

por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Essas características favorecem a análise do conteúdo temático de alguns documentos, como por exemplo, os técnicos-científicos. Mas sua aplicabilidade em textos narrativos de ficção carecia, e ainda carece, de maior aprofundamento devido aos resultados obtidos. Pois, os textos narrativos de ficção acabam sendo representados por seu gênero e nacionalidade.

A partir da década de 1980 percebe-se na literatura de Ciência da Informação a preocupação com a recuperação de textos narrativos de ficção. Pesquisas importantes são desenvolvidas com esse objetivo, dentre elas destacam-se os estudos de Burges (1936), Spiller (1980), Pejtersen e Austin (1983), Harrell (1985), Beghtol (1986), Jansson e Södervall (1987), Macpherson (1987), Beghtol (1989), Bell (1991), Olderr (1991), Ranta (1991), Hayes (1992), Beghtol (1992), Beghtol (1994), Negrini (1995), Andersson e Holst (1996), Hidderley e Rafferty (1997), Nielsen (1997), Saarti (1997), Beghtol (1997), Saarti (1999a, 1999b, 2002).

A maioria desses estudos estão voltados sobre os produtos documentais, e não sobre o processo de análise dos documentos, sendo que, os produtos documentais, em sua maioria focam nas questões de gênero e da nacionalidade dos textos narrativos de ficção.

Nosso interesse era desenvolver um modelo que colaborasse para a análise dos textos narrativos de ficção de tal forma que essa tivesse como resultado o assunto do documento.

Assim sendo, o primeiro desafio para o desenvolvimento do modelo residia na pergunta o que é um texto narrativo de ficção?

2 O QUE É O TEXTO NARRATIVO DE FICÇÃO?

Para responder essa pergunta foi necessário estabelecer critérios para sua conceituação. O texto é composto por:

- estrutura superficial (microestrutura): compreende elementos linguísticos que auxiliam na sua composição;
- estrutura profunda (macroestrutura): onde existem os elementos que compõe a denominada semântica do texto, e
- superestrutura: forma definida pelo uso social (superestrutura).

Para um texto ser identificado como “texto narrativo” sua estrutura superficial (microestrutura) forma-se basicamente por elementos que indicam ações e mudanças de estado (verbos e indicadores de tempo e lugar); a estrutura profunda (macroestrutura) apresenta personagens que sofrem mudanças de estado; e a superestrutura é caracterizada por uma sequência de ações.

No caminho destes critérios conceituais recorreremos à literatura da área de Ciência da Informação construindo uma reflexão com três autores, a seguir: Lancaster (2004); Beghtol (1994), fazendo uma justaposição com os conceitos de Moraes (2011).

Lancaster (2004) estabelece uma diferenciação entre textos de ficção e textos de obras não-literárias afirmando que os elementos (problemas) envolvidos na indexação do primeiro e do segundo são de ordem diferentes. Essa diferenciação estaria nos objetivos para os quais os dois tipos de documentos são criados: “o primeiro, fundamentalmente, para entreter ou suscitar emoções, o segundo, fundamentalmente, para veicular informações. O fato de o segundo tipo poder, de vez em quando, entreter é igualmente fortuito em relação ao objetivo principal do veículo de comunicação” (LANCASTER, 2004, p. 200).

Para a autora Beghtol (1994) podemos dividir de forma convencional os documentos em ficção e não-ficção. Ficção seriam os textos criados a partir da imaginação; não ficção os criados a partir da faculdade racional. Mas ela alerta que textos criados da imaginação são produzidos em prosa narrativa. Neste contexto, “a ‘narrativa’ pode ser tomado de forma ampla para incluir discursos que avançam de algum sentido de um ponto a outro” (BEGHTOL, 1994, p. 7, tradução nossa).

Na análise das definições realizada por Moraes (2011), Lancaster (2004) apresenta uma perspectiva redutora sobre a obra literária, o que pode ser interpretado como desconhecimento em relação às manifestações literárias quando afirma que os textos de ficção destinam-se a entreter, suscitar emoções, divertir etc. De acordo com García-Marco et. al. (2010), Lancaster (2004) desconsidera a questão nuclear da ficção que é a ficção como manifestação artística:

Mas a ficção transmite informação cultural - e no final - informação muito pragmática, ensinando as pessoas sobre possíveis cursos de eventos, a complexidade das relações... e, como foi dito antes, é um meio que envolve uma mensagem que implica no uso dimensões não-lógicas, apelando para outros canais de comunicação. Na verdade, nós também devemos lembrar que a ficção é uma manifestação artística, presente em todas as civilizações, e tem sido estudado de forma científica desde a Grécia antiga, como fez Aristóteles em sua *Ars Poetica*. Assim, muitos pesquisadores consideram isso como uma manifestação concreta de informações, estudando a estrutura de composição, por exemplo, apesar da ficção contar uma história sobre um lugar imaginário, como fez Swift em *As Viagens de Gulliver* (GARCÍA –MARCO et al., 2010, p. 263-264, tradução nossa).

Notadamente, essas obras podem servir a diversão, provocar emoções, mas defende-se a dimensão da ficção enquanto manifestação artística (presente e reconhecida desde a antiguidade) que não pode ser esquecida, muito menos desconsiderada na área de Ciência da Informação. O reducionismo da definição de Lancaster (2004) é contraposto por uma amplitude na definição de Beghtol (1994) quanto ao texto de ficção. A autora compreende o texto de ficção como oriundo da imaginação de seus criadores. O texto literário encontra-se no limiar da imaginação, do imaginário, e como estabelecer os limites do 'o que é ou não imaginário. Para a autora ficção é *narrative prose*, com isso uma grande quantidade de textos que não são apenas narrativos, mas podem ser classificados como ficcionais não são contemplados.

Para melhor compreender essa questão, Moraes (2011) apresenta o exemplo de três épicos: “Odisseia”, “Eneida” e os “Lusíadas”. Tratam-se de narrativas que atendem os critérios de microestrutura, macroestrutura e superestrutura, mas são escritos em versos.

Para construir uma definição de texto de ficção que seja mais adequada aos estudos voltados para a área, Moraes (2011) toma como ponto de partida afirmações de Beghtol (1994) sobre uma autocrítica a sua definição de ficção:

É útil aceitar uma definição operacional por duas razões. Primeiro, nenhuma definição de ficção é universalmente aceita [...]. Segundo, o exame de documentos de ficção para o armazenamento e recuperação de informação precisa incluir o maior número de exemplos de ficção possíveis (BEGTHOL, 1994, p. 07, tradução nossa).

O autor afirma que não há um consenso sobre o que seja ficção, apontando que uma definição deveria ser “tão abrangente de forma a abarcar todas as possibilidades do texto de ficção” (MORAES, 2011, p. 20). Tomam-se como ponto de partida os conceitos de ficção usados na língua portuguesa, à questão da atividade literária em face do cotidiano em Moisés (1990) e os estudos linguísticos sobre a poética em Jakobson (2010), chegando à conclusão que

o texto de ficção é aquele que é escrito pensando-se também na seleção dos termos que melhor se adéquam e reforçam o contexto sugerido pelo conteúdo semântico, ou seja, a ficção é uma forma de manifestação artística, na qual o artista se serve das palavras para criar a sua obra de arte, buscando com esta fornecer um novo olhar para as situações humanas, ou mesmo criando uma realidade que pode ser chamada de paralela. Pode-se afirmar que o texto científico também é escrito nos mesmos moldes, ou seja, há uma seleção rigorosa dos termos a serem utilizados, e de fato o são. A grande diferença é que, enquanto os textos científicos esforçam-se por ser o mais claro possível, não se pode dizer o mesmo dos textos de ficção, pois a escolha dos termos se dá para causar um efeito que busque, muitas vezes, obliterar o que seria o real sentido do que está escrito, ou mesmo sugerir múltiplos e diferentes significados (MORAES, 2011, p. 22).

Dessa forma, como em Moraes (2011), entende-se que ficção é uma forma de arte, uma manifestação artística construída com palavras que ultrapassam os escritos originários da imaginação do escritor, pois pode conter elementos concretos da realidade.

Portanto, o texto narrativo de ficção é uma manifestação artística que compreende microestruturas (elementos que indicam ações e mudanças

de estado), macroestrutura (presença de personagens em situações que demandam mudanças de estado) e superestruturas (demarcadas por sequências de ações).

Nesta perspectiva, “o texto narrativo de ficção é uma obra de arte onde o artista é o escritor que cria criteriosamente, selecionando, os termos que irão representar o contexto escolhido pelo conteúdo semântico” (SABBAG, 2013). O pincel do artista escritor são as palavras que dão vida a obra de arte, fornecendo ao leitor uma nova perspectiva acerca do mundo, das relações humanas, das situações humanas, mesmo quando a realidade usada para demonstrar sua arte tenha elementos do imaginário, demonstrando sentidos fora da realidade, e sugerindo múltiplos e variados significados.

Respondida a questão inicial “o que é um texto narrativo de ficção? ”, uma segunda pergunta permeou a construção do modelo de leitura: como analisar esse documento artístico?

3 CONSTRUÇÃO DO MENTIF: APORTES TEÓRICOS

O primeiro ponto que buscamos compreender foram as etapas de análise e síntese presentes no processo de análise documental, compostas respectivamente por:

- Identificação da tipologia documental: abstração das diferentes manifestações (visuais, gestuais, verbais ou sincréticas) e identificação do seu plano de conteúdo;
- Leitura Técnica do documento, em que o documentalista adentra na estrutura do documento, buscando tomar contato com as partes que revelem maior conteúdo temático valendo-se, para tanto, de um conjunto de estratégias metacognitivas;
- Identificação de conceitos: uma vez identificadas as partes mais significativas tematicamente, aplica-se ao documento um conjunto de categorias conceituais, visando a construção de enunciados de assunto;
- Seleção de conceitos: os enunciados de assunto são categorizados em principais, secundários e periféricos, e ordenados logicamente,

tendo como parâmetros a estrutura, a função e os usos (tipo de busca informacional a que se presta o documento);

- Condensação documental: redução do documento original a um micro-documento (resumos)
- Representação documental: tradução do conteúdo temático do documento em linguagem de indexação, representando-o por meio de índices.

Figura 1 – Processo de análise documental



Fonte: Elaborado pela autora.

Compreendida as etapas do processo de análise documental percebemos que a construção de um modelo de leitura para indexação de textos narrativos de ficção deveria estar relacionada com a etapa de Análise e suas subetapas: identificação da tipologia documental, leitura técnica do documento e identificação de conceitos.

Para tanto os aportes teóricos para a construção do Mentif tiveram como resultado o estudo articulado de três elementos: figura do espetáculo (TATIT, 2007); percurso gerativo de sentido (FIORIN, 2011) e as categorias propostas por Beghtol (1994).

Desta forma a correspondência teórica entra a etapa da análise e os três elementos ficam melhor visualizados para o leitor no quadro a seguir:

Quadro 1 - Aportes teóricos do Mentif

ETAPA DE ANALÍTICA	APORTES TEÓRICOS
Identificação da tipologia documental	o texto narrativo de ficção: obra de arte onde o artista é o escritor que cria criteriosamente selecionando os termos que irão representar o contexto escolhido pelo conteúdo semântico (SABBAG, 2013)
Leitura técnica do documento	Percurso Gerativo de Sentido (FIORIN, 2011)
Identificação de conceitos	Categorias de Beghtol (1994)

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme demonstrado no Quadro 1 o modelo de leitura documentária para textos de ficção encontra sua utilização na etapa analítica, para tanto o indexador deve:

- a) Identificar a tipologia textual: o indexador deve ter consciência que trabalhos com uma grande diversidade de recursos bibliográficos e para que todos sejam analisados e sintetizados de forma adequada os profissionais devem respeitar a especificidades dos documentos e, mais, identificar as necessidades de tratamento a de cada recurso;
- b) Leitura técnica do documento: o indexador deve ler o texto narrativo de ficção utilizando as estratégias já tradicionalmente estabelecidas pela área, e no caso da obra de ficção levar em consideração o que será explicitado no item 2.1;
- c) Identificação de conceitos: o indexador deve identificar os conceitos por meio das categorias estabelecidas por Beghtol (1994) para textos narrativos de ficção (item 2.2).

3.1 LEITURA TÉCNICA DO DOCUMENTO: O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Apresentamos aqui os elementos constitutivos da Teoria do Percurso Gerativo de Sentido que utilizamos como embasamento teórico para a criação do Mentif. Importante ressaltar que, “o percurso gerativo

de sentido parte daquilo que é a parte última da Análise Documental: o elemento mais simples e abstrato de ordenamento dos múltiplos conteúdos do texto” (MORAES, 2011), pois ele é o plano de conteúdo de um texto e, por seu meio, o profissional poderá extrair os elementos conceituais para a representação do documento.

Em 1966, Greimas (Algirdas Julien Greimas) publica a obra “Semântica Estrutural” na qual mostra a mudança do estudo das frases para o estudo dos textos. Esta nova perspectiva tinha como principal questão o sentido construído no âmbito do texto que logo depois foi denominada de Semiótica. A Semiótica não possui uma teoria pronta e acabada, mas está em percurso repensando seu fazer, corrigindo-se, refazendo-se.

Para Greimas (1973) a unidade comum entre as ciências humanas encontra-se na pesquisa acerca da significação, mas apesar de ser um problema central nas ciências, não havia uma disciplina científica adequada para estudar essa questão, pois reconhecia que, principalmente a semântica, sempre foi a “parente pobre da linguística”. Os três motivos que explicariam as reticências dos linguistas para com a semântica seriam: a) o retardamento histórico dos estudos semânticos; b) as dificuldades próprias à definição do seu objeto; e c) a forte onda de formalismo. Então, o autor uma reflexão sobre as condições para um estudo científico da significação com vistas à construção de uma semântica (GREIMAS, 1973, p. 12-13). Semântica que não seria uma semântica lógica, mas uma semântica linguística

que se ocuparia da análise tal como é fornecida pelo código da língua. A semiótica não se interessa pela verdade dos enunciados, mas por sua veridccção, isto é, pelos efeitos de sentido de verdade com os quais um discurso se apresenta como verdadeiro, falso, mentiroso, etc. (FIORIN, 1999, não paginado).

Greimas toma o texto como unidade de análise onde a semântica deveria ser gerativa, sintagmática e geral (FIORIN, 1999, não paginado):

i) Gerativa: concebe o processo de produção do texto como um percurso gerativo, caminhando do mais simples e abstrato para o mais complexo e concreto, no qual ocorre um enriquecimento semântico. O texto é um conjunto de níveis de invariância crescente;

ii) Sintagmática: tendo como escopo o estudo da produção e interpretação dos textos. O texto é a totalidade e não o plano de conteúdo das línguas naturais, pois seu interesse é encontrar as diferenças produtoras do sentido do texto, e não em encontrar o conjunto de categorias responsáveis pela criação dos sentidos das palavras (em determinada língua);

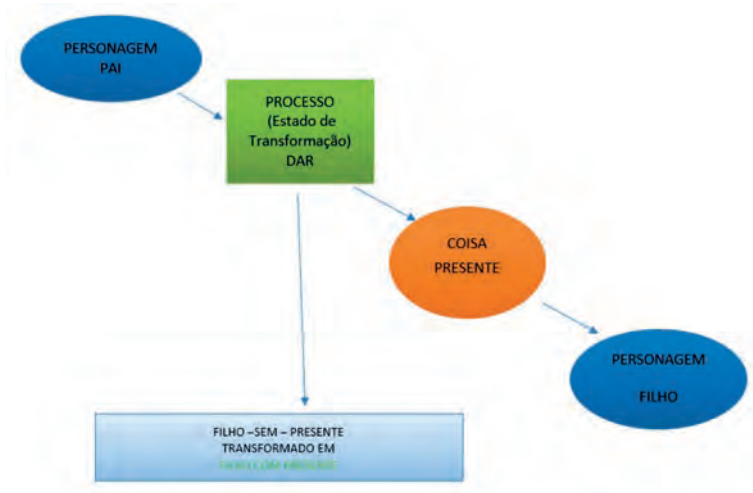
iii) Geral: seu interesse recai sobre qualquer texto, independentemente de sua manifestação (verbalmente, visualmente, por combinação de planos de expressão visual e verbal etc.). O conteúdo pode ser analisado separadamente da expressão, sendo que o conteúdo pode ser veiculado por diferentes planos de expressão. Para a análise, primeiramente, faz-se a abstração da manifestação, analisando o plano de conteúdo, logo após analisa-se as especificidades da expressão e sua relação com o significado.

Percebe-se o deslocamento produzido pela Semiótica do plano comum das línguas naturais, das noções funcionais que operam em unidades linguísticas para o texto global. Para Tatit (2007)

a passagem do estudo das frases ao estudo dos textos requer significativa mudança de enfoque. As gramáticas que nos explicam as construções frasais mostram-se inadequadas para a descrição da combinação dessas unidades num contexto mais amplo, o que fez o grande teórico Émile Benveniste considerar que a linguística perderia o seu lastro científico se tentasse integrar as frases num nível superior de análise (TATIT, 2007, p. 187).

A teoria de Greimas (1973) foi desenvolvida no momento em que vários linguistas observavam a existência de unidades comuns entre a noção de frase e texto. Tatit (2007) explica essa noção com base na figura do “espetáculo”. O autor exemplifica a figura do espetáculo com uma frase simples “O pai dá um presente ao filho” onde podemos identificar uma curta encenação com personagens:

Figura 2 - Figura do Espetáculo



Fonte: Elaborado pela autora.

A figura do espetáculo “O pai dá um presente ao filho” poderia ser a base para diversas narrações, por exemplo, um romance, onde um pai estivesse obstinado a obter um objeto para presentear seu filho para fazê-lo feliz. Greimas tem inspiração para desenvolver sua teoria na proposição do linguista Lucien Tesnière. O linguista faz a associação entre a estrutura de um enunciado simples à estrutura de um espetáculo utilizando o sólido modelo de análise do conto maravilhoso russo. Este modelo de análise foi formulado por Vladimir Propp em “Morfologia do Conto”, “que após sucessivas adaptações, lança sua própria teoria onde elementos conceituais demonstraram ser possível uma abordagem sintática do texto integral (TATIT, 2007, p. 188).

Assim sendo, a preocupação teórica do Mentif residia em: se a figura do espetáculo por ser a base para diversas narrações, inclusive romances, em que parte, local, da obra encontraríamos o PROCESSO (estado de transformação)? Pois acreditávamos que encontrando esse local poderíamos utilizá-lo como estratégia de leitura.

A resposta estava no Percurso Gerativo de Sentido. O Percurso Gerativo de Sentido pode ser definido como o plano de conteúdo que a semiótica concebe para construir o sentido do texto.

De acordo com Barros (1999, p. 9) a noção de Percurso Gerativo de Sentido pode ser resumida da seguinte maneira: a) O Percurso Gerativo do Sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; b) São estabelecidas três etapas no percurso podendo cada uma delas, ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis; c) A primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; d) No segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; e) O terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Para Fiorin (1999, não paginado) o percurso gerativo de sentido constitui “um simulacro metodológico, para explicar o entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo”.

Dessa forma, entendemos que o percurso gerativo de sentido é uma representação metodológica. É uma representação do plano intelectual traçado por um autor para expressar suas ideias por meio de uma manifestação. Essa manifestação proporcionará ao realizar abstrações, a partir da superfície do texto (partindo do mais simples para o mais complexo), buscar o conjunto de relações responsáveis pelo sentido. Este conjunto de relações responsáveis pelo sentido do texto é composto por estruturas sêmio-narrativas e estruturas discursivas. As estruturas sêmio-narrativas são compostas por componentes sintáxicos e componentes semânticos.

O percurso gerativo de sentido por ser esboçado no seguinte quadro:

Quadro 2 - Percurso Gerativo de Sentido

PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO			
	Componente Sintático		Componente Semântica
Estruturas Sêmio- Narrativas	Nível Profundo	SINTAXE FUNDAMENTAL	SEMÂNTICA FUNDAMENTAL
	Nível de Superfície	SINTAXE NARRATIVA DE SUPERFÍCIE	SEMÂNTICA NARRATIVA
Estruturas Discursivas	SINTAXE DISCURSIVA Discusivização (actorialização, temporalização, espacialização)		SEMÂNTICA DISCURSIVA Tematização Figurativização

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o Percurso Gerativo de Sentido vimos que a resposta a nossa pergunta estava no Nível de Superfície (narrativo). No nível narrativo as estruturas narrativas são definidas por transformações de estado.

Essas mudanças podem ser definidas em termos de conjunção e disjunção (MORAES; GUIMARÃES, 2008). Fiorin (1999) afirma que uma narrativa mínima é definida como uma transformação de estado. Moraes (2011) alerta para a necessidade de se fazer uma distinção entre narratividade e narração antes do aprofundamento do nível narrativo, pois uma ressalva que se poderia fazer, quando falamos que um dos níveis do Percurso Gerativo de Sentido é o narrativo, é que nem todos os textos são narrativos. A narratividade é um componente presente em todos os textos, é uma transformação que se localiza entre dois estados sucessivos e diferentes (FIORIN, 2011, 27). A narração caracteriza uma determinada classe textual, classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizados. De certo, todos os textos apresentam um nível narrativo, se a narratividade for entendida como transformação de estados, pois está presente em todos os textos (GUIMARÃES; MORAES; GUARIDO, 2007). Na sintaxe narrativa existem dois tipos de enunciados elementares (FIORIN, 2011, p. 28):

- a) enunciados de estado: são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto (no enunciado “Aurélia é rica”, há uma relação de conjunção, indicada pelo verbo ser, entre um sujeito “Aurélia” e um objeto “riqueza”; em “Seixas não é rico”, há uma relação de disjunção, revelada pela negação e pelo verbo ser, entre um sujeito “Seixas” e um objeto “riqueza”);
- b) enunciados de fazer: são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro (no enunciado “Seixas ficou rico”, há uma transformação de um estado inicial “não rico” num estado final “rico”).

Como existem dois tipos de enunciados de estado, também existem duas formas de narrativas mínimas caracterizadas pela privação e a de liquidação da privação.

Na privação ocorre um estado inicial conjunto que passa a um estado final disjunto (família rica que fica pobre). Na liquidação da privação acontece o contrário, o estado inicial é o disjunto e o final conjunto (pessoa pobre que fica rica).

Neste momento, é importante ressaltar a função dos papéis narrativos. Não se deve confundir SUJEITO com pessoa e OBJETO com coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos. Esses papéis narrativos podem ser representados num nível mais superficial por COISAS, PESSOAS ou ANIMAIS. Por exemplo, em uma narrativa de perseguição os HUMANOS a serem aprisionados são o OBJETO com que o ser que captura deve entrar em conjunção. Mas quando se diz “o tapete voador pousou no terraço da casa”, esta transformação tem o TAPETE VOADOR como SUJEITO e como OBJETO o TERRAÇO DA CASA (FIORIN, 2011, p. 29).

Nessa perspectiva, os textos não são narrativas mínimas, são narrativas complexas onde os enunciados de estado (fazer e ser) estão hierarquicamente organizados, tendo como estrutura uma sequência canônica composta por etapas que caracterizam o esquema narrativo padrão, que são os dispositivos da análise semiótica (TATIT, 2007). A sequência canônica demonstra a dimensão sintagmática da narrativa e as fases obrigatoriamente presentes da representação da ação do homem no

mundo (FIORIN, 1999). A sequência canônica possui quatro (4) fases: manipulação, competência, performance e sanção:

- **Manipulação:** um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. O sujeito é um papel narrativo e não, necessariamente, uma pessoa. São vários os tipos de manipulação aqui descritos os quatro mais comuns: tentação, intimidação, sedução e provocação;
- **Competência:** o sujeito que realiza a narrativa é dotado de um saber e ou poder fazer;
- **Performance:** fase em que se dá a transformação central da narrativa (mudança de um estado a outro). Por exemplo: num conto de fadas em que a princesa foi raptada pelo dragão, a performance será a libertação da princesa. O sujeito que opera a transformação e o que entra em conjunção ou em disjunção com um objeto podem ser distintos ou idênticos;
- **Sanção:** última fase onde há a constatação de que a performance se concretizou e o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. A sanção pode ser cognitiva se há o reconhecimento que a competência se realizou; ou sanção pode ser pragmática, com prêmios e castigos.

Após analisar toda a teoria do Percurso Gerativo de Sentido chegamos à conclusão que a Performance e a Sanção são etapas da sequência canônica que poderiam dar subsídios para a leitura técnica do documento e que, quase sempre, encontram-se na conclusão no texto narrativo de ficção. E neste momento surgiu outra pergunta: se a conclusão de uma obra de ficção pode ser utilizada como ponto estratégico de leitura com vistas a indexação, como identificar os seus conceitos?

3.2 IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS: CATEGORIAS DE BEGTHOL

A identificação de conceitos está vinculada “ao esquadramento do documento por meio de categorias conceituais, tendo-se como pressupostos a estrutura e a função do documento” (GUIMARÃES, 1994, P. 166).

Para Foskett (1973) na identificação de conceitos o analista procura estabelecer uma “descrição-modelo” para cada conceito e usar essa descrição sempre que for necessário. Cavalcanti (1982, p. 220) define a identificação de conceitos como o

método que exige a análise do conteúdo temático dos documentos, para identificação das idéias e atribuição dos termos de indexação, selecionados em listas previamente elaboradas. O conceito, segundo o Classification Research Group pode ser inserido em uma das categorias seguintes: entidades, atividades, abstratos, propriedades, heterogêneos. As entidades são as coisas que apresentam um significado preciso e podem ser físicas (por exemplo, matéria ou fenômeno físico), químicas (por exemplo, estado molecular, minerais), biológicas (seres vivos), artefatos (coisas manufaturadas). As atividades são identificadas pelas formas verbais. Os abstratos referem-se, em geral, a qualidades ou estados e têm significado conotativo. As propriedades são de duas espécies, identificadas pela forma gramatical: a. adjetivas, usadas em ligação com um substantivo que qualificam e se referem aos cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão) e b. substantivas, representativas de propriedades que podem ser medidas

Mas o que é o conceito?

De acordo com a NBR 12676 (ABNT, 1992) conceito é qualquer unidade de pensamento, podendo seu conteúdo semântico ser reexpresso pela combinação de outros conceitos. O assunto é o tema de um documento representando por um ou uma combinação de conceitos. Dahlberg (1978) explica que o homem por meio da linguagem foi capaz de relacionar-se com os objetos que o circundavam. Os objetos podem ser caracterizados de duas formas:

- a) Objetos individuais: objeto pode ser individual quando pensado como único (distinto dos demais), por exemplo, casa, mesa, automóvel, esses objetos são expressos por conceitos individuais. Sua característica é a presença das formas de tempo e espaço, pois estão no aqui e agora. Exemplo: UNESP, UNIRIO, Copa das Confederações de 2013, descobrimento do Brasil em 1500 etc.; e

- b) **Objetos Gerais:** os objetos gerais prescindem das formas de tempo e espaço, seu estudo é permeado de extremo interesse, pois em sua base está o processo classificatório, e são expressos por conceitos gerais. Exemplo: as universidades, as partidas de futebol, as descobertas marítimas etc.

Os conceitos individuais e gerais podem ser expressos por enunciados por meio da linguagem natural. Esses enunciados permitem a elaboração dos diversos conceitos acerca dos diversos objetos.

Portanto, todo enunciado possui um elemento do respectivo conceito, ou seja, estes elementos identificam-se com as chamadas características dos conceitos (traduzem os atributos das coisas designadas). Este processo pode ser considerado

como análise do conceito. Mas só é possível proceder a essa decomposição do conceito coletando-se os enunciados verdadeiros que sobre determinado objeto se podem formular. Pode-se então dizer que os elementos do conceito são obtidos pelo método analítico—sintético. Cada enunciado apresenta (no verdadeiro sentido de predicação) um atributo predicável do objeto que, no nível de conceito, se chama característica. Muitas vezes não se trata de um atributo a que corresponde uma característica, mas de uma hierarquia de características, já que o predicado de um enunciado pode tornar-se sujeito de novo enunciado e assim sucessivamente até atingirmos uma característica tão geral que possa ser considerada uma categoria. (Entende-se aqui por categoria o conceito na sua mais ampla extensão) (DAHLBERG, 1978, p. 102).

As características dos conceitos podem ser simples e complexas.

São consideradas simples as que se referem a uma única propriedade. Ex.: redondo, colorido, etc. Complexas são as características que dizem respeito a mais de uma característica. Ex.: moldado em metal, pintado com tinta azul, etc. Em ambos os casos trata-se de um material combinado com um processo resultando numa propriedade. A ordem seguinte das características serve de exemplo para a possibilidade de listagem de todas as características possíveis (DAHLBERG, 1978, p. 103).

Dessa forma, por meio da análise das categorias conceituais podemos realizar a identificação de conceitos nos documentos. Na literatura da área vários autores empenharam esforços para a análise do assunto do documento por meio do estabelecimento das categorias.

Nesse sentido, Ranganhan (considerado o criador das classificações facetadas) criou a Colon Classification (Classificação de Dois Pontos) que “revolucionou a estrutura dos sistemas tradicionais de classificação, introduzindo o princípio da divisão de assuntos em categorias ou facetas” (CINTRA, 1987, p. 17).

‘Suas categorias são conhecidas pela sigla PMEST:

- ST – Espaço/Tempo;
- E – Energia (como forma compulsora). Exemplo: exportações em economia, currículo em educação;
- M – Matéria. Exemplo: ouro como material de dinheiro dentro da Economia. Instrumento de Música. Marfim na Escultura.
- P – Personalidade: corresponde às coisas, tipos de coisas, tipos de ação. Exemplo: pessoas em Sociologia/Psicologia.

Vickery (1980), do Classification Research Group, amplia as categorias de Ranganathan propondo o seguinte desdobramento: tipo, estrutura, constituintes, propriedades, processos, operações, técnicas, generalidades. Mesmas categorias são expressas por Campos e Gomes (2008) como: Coisas, substâncias, entidades que ocorrem naturalmente; produtos; instrumentos; constructos mentais; Suas partes constituintes, órgãos; Sistemas de coisas; Atributos de coisas, qualidades, propriedades, incluindo estrutura, medidas; processo, comportamento; Objeto da ação (paciente); Relações entre coisas, interações, efeitos, reações; Operações sobre coisas; experimentos, ensaios, operações mentais.

Para a identificação de conceitos Begthol (1994) propõe quatro categorias que seriam generalizantes para textos narrativos de ficção:

- **Personagem;**
- **Eventos;**
- **Espaço;** e
- **Tempo.**

A autora, em seu livro “The Classification of fiction: the development of a system based on theoretical principles”, busca um caminho para realizar a análise de obras de ficção, pois não aceita a visão de que textos de ficção são intratáveis, não são fluídos para análise, pois não possuem elementos constantes para uma análise que seja considerada suficiente e confiável (BEGHTOL, 1994).

Nos estudos realizados por Brewer (1984) e Van Dijk (1992), Beghtol (1994) observa que diferentes leitores resumem uma mesma história com grandes semelhanças. Também, esses estudos demonstram que as pessoas que realizam a leitura de um mesmo livro desenvolvem as mesmas experiências de leitura. Essas experiências podem ser trocadas quando esses leitores se encontram e discutem os assuntos relacionados na leitura do livro. Dessa forma, a autora encontra nos estudos de Halász (1987) um contributo importante para sua pesquisa, ou seja, se a leitura de livros de ficção pode oferecer um terreno tão comum para discussões e resumos, pode-se afirmar que as histórias apenas existem onde se tem eventos e coisas existentes (personagens e cenários).

Nesse sentido, Beghtol (1994) utiliza dois estudos que buscam quais seriam as categorias em textos narrativos de ficção. O primeiro foi o estudo de Brewer (1984) onde o autor compara quais são as convenções narrativas em histórias orais e escritas com o objetivo de formular hipóteses sobre a existência de elementos universais em textos narrativos de ficção.

Como fruto deste trabalho, Brewer (1984) propõe cinco elementos que seriam universais nos textos narrativos de ficção: cenário, personagens, eventos, resolução e narrador. O segundo estudo foi realizado por Ruthrof (1981) onde propõe que a narrativa contém as seguintes categorias:

- 1) Tempo: presente como uma matriz tempo no mundo;
- 2) Espaço: presente como uma matriz espacial no mundo;
- 3) Personagem: Personagens;
- 4) Atos: atos físicos e mentais (um discurso, um pensamento, um movimento);
- 5) Eventos: eventos considerados não humanos;
- 6) Aspectos Pessoais: atitudes das personagens entre si e, também, com o mundo apresentado;

- 7) Aspectos atmosféricos: exemplo: sombrio, idílico;
- 8) Padrões ideológicos: a ideologia de mundo apresentada no texto.

Beghtol (1994) compara as duas propostas de categorização com o objetivo de analisar o nível de generalização e o processo sistemático de divisão. Pela análise da autora, quatro categorias são existentes nas duas propostas: Tempo, Espaço, Personagem e Eventos.

A categoria Cenário de Brewer (1984) pode ser comparada as categorias Tempo e Espaço de Ruthrof (1981). De forma similar, Ruthrof (1981) combina as categorias *Events* e *Acts*; e Brewer (1984) a categoria Evento.

Elementos das duas propostas não apresentam similaridade, no caso as categorias Resolução e Narração de Brewer (1984) e Aspectos Pessoas, Aspectos Atmosféricos e Padrões Ideológicos de Ruthrof (1981). Após a análise, Beghtol (1994) sugere que quatro categorias podem ser aceitas como fundamentais para ficção:

- 1) Personagem (inclui o narrador): são os seres e atores que existem e participam no mundo da ficção;
- 2) Evento (inclui atos de humanos e não humanos): ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real;
- 3) Espaço: lugares geográficos e localizações no mundo ficcional; e
- 4) Tempo: unidade de tempo no mundo ficcional.

Dessa forma, para análise de textos narrativos de ficção sugerimos que o indexador utilize essas categorias para a identificação conceitos.

4 MODELO DE LEITURA PARA TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO: MENTIF

Após os aportes teóricos apresentamos os passos que o indexador deve seguir para utilizar o modelo.

Para o exame e leitura técnica do texto narrativo de ficção propomos que sejam utilizadas as seguintes estratégias de leitura (leitura das seguintes partes dos documentos:

- a) Título das obras;
- b) Subtítulos;
- c) Resumo;
- d) Sumário;
- e) Ilustrações, diagramas, tabelas e títulos explicativos (não são comuns em textos narrativos de ficção); e
- f) **Conclusão:** composta pelo último ou penúltimo capítulo da obra. **IMPORTANTE:** a teoria mostra que a leitura completa da conclusão proporcionará a **IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS** com vistas a indexação.

MENTIF – MODELO DE INDEXAÇÃO DE FICÇÃO

CATEGORIAS	QUESTIONAMENTO	PARTES DA ESTRUTURA TEXTUAL	IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS (ORIENTANDO PELO CONTEÚDO)
PERSONAGEM	Há seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui narrador quando for o caso)? Os seres podem ser animados e inanimados.	Capa Contracapa Último capítulo da obra	
EVENTO	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos, não humanos, fatos, ações, situações, sentimentos etc)	Resumo Orelha do livro Sumário Último capítulo da obra	
ESPAÇO	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	Capa Contracapa Resumo Orelha do livro Último capítulo da obra	

TEMPO	Existe uma unidade de tempo (período de tempo) no mundo ficcional?	Capa Contracapa Resumo Orelha do livro Último capítulo da obra	
-------	--	--	--

A seguir exemplo de aplicação do MENTIF.

Livro analisado: “Cai do pano” de Agatha Christie.

O primeiro passo foi a leitura técnica das partes significativas do documento. Após a leitura foi realizado o preenchimento das informações da obra e as informações do MENTIF.

- a) Título da obra: Cai o pano;
- b) Subtítulo: um caso de Hercule Poirot;
- c) Resumo: possui resumo na quarta capa.
- d) Sumário: sem sumário;
- e) Ilustrações, diagramas, tabelas e títulos explicativos: sem ilustrações, diagramas, tabelas e títulos explicativos.
- g) Conclusão (composta pelo último capítulo da obra, quando necessário for, o último e o penúltimo capítulo): possui dezenove capítulos e um pós-escrito.

CATEGORIAS	QUESTIONAMENTO	IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS (ORIENTANDO PELO CONTEÚDO)
PERSONAGEM	Hercule Poirot; Arthur Hastings; Franklin; Stephen Norton; X; Bárbara Franklin; Judith; Elizabeth Cole e Boyd Carrington; George; Curtiss; Enfermeira Craven	Hercule Poirot; Arthur Hastings; Franklin; Stephen Norton; X; Bárbara Franklin; Judith; Elizabeth Cole e Boyd Carrington; George; Curtiss; Enfermeira Craven

EVENTO	Assassinatos; Amizade; Suicídio; Morte de Poirot; Suicídio de Poirot	Assassinato Morte de Hercule Poirot; Suicídio de Hercule Poirot
ESPAÇO	Styles; Inglaterra; Eastbourne	Inglaterra
TEMPO	-----	

5 CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS: MENTIF

O desenvolvimento do Mentif foi um desafio teórico-metodológico que buscou refletir sobre a prática do indexador. Refletir sobre a prática buscando um instrumento que colaborasse para o fazer do trabalho.

Essa epistemologia do fazer também intencionou a colaborar com a análise de obras complexas como os textos narrativos de ficção. Por meio da Teoria do Percurso Gerativo de Sentido e as categorias para as obras de ficção de Beghtol (1994) o modelo de leitura Mentif foi elaborado e tem como objetivo contribuir para que a literatura seja representada de uma forma mais adequada levando em consideração o seu assunto, o seu tema.

Como modelo está aberto para do debate, reflexão e aprimoramento.

Com isso esperamos contribuir para uma Biblioteconomia e Ciência da Informação heterotópica por excelência que contribua e trabalhe para o crescimento do espaço do **Outro**.

REFERÊNCIAS

ANDERSSON, R.; HOLST, E. Indexes and other depictions of fiction: a new model for analysis empirically tested. *Svensk Biblioteksforskning/Swedish Library Research*, n.2/3, p. 77- 95, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 12676: métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação*. Rio de Janeiro, 1992.

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BEGHTOL, C. Access to fiction: a problem in classification theory and practice, part 1. *International Classification*, v. 16, n. 3, p. 134-140, 1989.

BEGHTOL, C. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. *Journal of documentation*, v. 42, n. 2, p. 84-113, 1986.

BEGHTOL, C. Stories: applications of narrative discourse analysis to issues in information storage and retrieval. *Knowledge Organization*, v. 24, n. 2, p. 64-71, 1997.

BEGHTOL, C. *The classification of fiction: the development of a system based on theoretical principles*. Metuchen: Scarecrow Press, 1994.

BEGHTOL, C. Toward a theory of fiction analysis for information storage and retrieval. *Proc. 5th Int. Study Conf. On Classification Research, Toronto, Canada*, 6, 24-28. Amsterdam: Elsevier, 1992.

BELL, H. K. Indexing fiction: a story of complexity. *The Indexer*, v. 17, n. 4, Oct. 1991.

BREWER, W. F. *The story schema: universal and culture-specific properties*. Center for the Study of Reading. Technical Report no. 322. Urbana; Champaign: University of Illinois; New York: Cambridge University Press, 1984.

BURGESS, L. A. *A system for the classification and evaluation of fiction*. The library world, 1936.

CAMPOS, M. L. de A.; GOMES, H. E. Taxonomia e classificação: o princípio de categorização. *DatagramaZero: revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, ago. 2008.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CAVALCANTI, C. R. Indexação. *Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 211-233, 1982.

CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, J. W. (coord.). *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília: MCT; CNPq; IBICT, 1987. p. 28-35.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, Rio de Janeiro, 1972. *Anais* [...]. Brasília: IBICT; ABDE, 1978. v. 1, p. 352-370. Palestra apresentada durante a Conferência e traduzida do inglês por Henry B. Cox. Disponível em: http://www.conexaorio.com/bit/dahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm. Acesso em: 20 maio 2019.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *DELTA: revista de documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 1, fev./jul. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000100009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 mai. 2019.

- FOSKETT, A. C. *A abordagem temática da informação*. São Paulo: Polígono, 1973.
- GARCIA-MARCO, F. J. *et al.* Knowledge organization on fiction and narrative documents: a challenge in the age of multimedia revolutions. *In: GNOLLI, C.; MAZZOCCHI, F. (org.). Paradigms and conceptual systems in knowledge organization*. Würzburg: Ergon, 2010. p. 262-268.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GUIMARÃES, J. A. C. *Análise documentária em jurisprudência: subsídios para uma metodologia de indexação de acórdãos trabalhista brasileiros*. 1994. 232 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E.; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. *In: GARCÍA MARCO, F. J. (org.). Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en entorno digital*. Zaragoza: Pressas Universitarias de Zaragoza, 2007. p. 93-100.
- HALÁSZ, L. Social perception and understanding of interaction in the short stories entitled “Everything that rises must converge” and “Brutes”(Barbarians). *In: HALÁSZ, L. (ed.). Literary Discourse: aspects of cognitive and social psychological approaches*. Berlin: Walter de Gruyter, 1987. p. 140-166.
- HARREL, G. The classification and organization of adult fiction in large American public libraries. *Public Libraries*, v. 24, n. 1, p. 13-14, p. 1985.
- HAYES, S. Enhanced catalog access to fiction: a preliminary study. *Library resources & technical services*, v. 36, n. 4, p. 441-459, 1992.
- HIDDERLEY, R.; RAFFERTY, P. Democratic indexing: an approach to the retrieval of fiction. *Information Services and Use*, v. 17, n. 2/3, p. 101-109, 1997.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2010.
- JANSSON, E.; SODERVALL, B. *Tesaurus for index eringavsk on litteratur*. Boras: Hogsk, 1987.
- LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- MACPHERSON, R. Children’s literature indexes at home and house. *Library Review*, v. 36, n. 4, p. 254-260, 1987.
- MOISÉS, L. B. P. *Flores na escrivania*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MORAES, J. B. E. de. *A questão do aboutness no texto narrativo de ficção: perspectivas metodológicas para a Ciência da Informação*. 2011. 81 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.

- MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J. A. C. Análise documental de conteúdo de textos literários narrativos: em busca de um diálogo entre as concepções de aboutness/meaning e percurso temático/percurso figurativo. In: GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. *Discurso e Texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação*. São Carlos: EDUFSCar, 2008. p. 35-45.
- NEGRINI, G. *Thesaurus di letteratura italiana: aggiornamento al 30 dicembre 1994*. Roma: C.N.R., 1995.
- NIELSON, H. J. The nature of fiction and its significance for classification and indexing. *Information Services and Use*, v. 17, n. 2/3, p. 171-182, 1997.
- OLDERR, S. *Olderr's fiction subject headings: a supplement and guide to the LC thesaurus*. Chicago: American Library Association, 1991.
- PEJTERSEN, A. M.; AUSTIN, J. Fiction retrieval: experimental design and evaluation of a search system based on user' value criteria (part 1). *Journal of documentation*, v. 39, n. 4, p. 230-246, 1983.
- RANTA, J. The new literary scholarship and a basis for increased subject catalog access to imaginative literature. *Journal of librarianship and information science*, p. 3-26, 1991.
- RUTHROF, H. *The reader's construction of narrative*. London: Routledge & Kegan Paul, 1981.
- SAARTI, J. Feeding with the spoon, or the effects of shelf classification of fiction on the loaning of fiction. *Information Services & Use*, v. 17, n. 2/3, p. 159-169, 1997.
- SAARTI, J. Fiction indexing and the development of fiction thesauri. *Journal of Librarianship and Information Science*, v. 31, n. 2, p. 85-92, 1999.
- SAARTI, J. Consistency of subject indexing of novels by public library professionals and patrons. *Journal of Documentation*, v. 58, n. 1, p. 49-65, 2002.
- SABBAG, D. M. A. *Análise documental em textos narrativos de ficção: subsídios para o processo de análise*. 2013. 160 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.
- SPILLERS, D. The provision of fiction for public libraries. *Journal of librarianship and information*, v. 1, Oct. 1980.
- TATIT, L. Abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (org). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 187-209.
- VAN DIJK, T. *Text and context: explorations in semantics and pragmatics of discourse*. London: Longman, 1992.
- VICKERY, B. C. *Classificação e indexação nas ciências*. Rio de Janeiro: BNG; Brasilart, 1980.